

EDITORIAL

Nº 36; Julio de 2022

Mario Viché González

marioviche@quadernsanimacio.net

<http://marioviche.es>



NÃO É O TIJOLO.

“Não é o tijolo” é o título de um dos últimos seminários dado por Paulo Freire. Quando todos nós elogiamos os métodos do professor, os círculos da cultura, as palavras geradoras, o diálogo, o trabalho em grupo... o próprio Freire quis lembrar que antes dos métodos e estratégias estão as pessoas, mergulhadas num mundo de relações e interatividades que dão sentido à sua existência e à sua vida em comunidade.

Mais do que um método de alfabetização ou uma estratégia de análise da realidade, o que Freire propôs à Comunidade Educativa foi uma forma de estar no mundo, de compreender o mundo, de o narrar coletivamente, de nos posicionarmos no mundo e de nos tornarmos os protagonistas da nossa própria história de vida.

Mais do que uma metodologia, Freire propõe um paradigma educativo baseado na dignidade da pessoa, na autonomia, na capacidade de analisar conscientemente a realidade que nos rodeia, no posicionamento crítico e na tomada de decisões individuais e comunitárias.

E para isso, Freire vê no diálogo algo mais do que uma metodologia, mas um potencial comunicativo que nos deve possibilitar ver o mundo de olhos abertos, interativos e não estereotipados, o que propõe ver no outro toda a sua dignidade como um ser no mundo capaz de se tornar o protagonista da sua própria história.

Num mundo pragmático e comercializado, em que os estereótipos e as notícias falsas são cada vez mais difundidos, em que o funcionalismo predominante transforma os alunos em objetos de intervenção, em que o ativismo é a base da ação dos agentes educativos, é cada vez mais necessário enfatizar uma educação que destaque a dignidade da pessoa, em diálogo e criação de redes comunitárias de convívio.

Uma educação política baseada na dignidade e autonomia das pessoas, na utilização de recursos socio-educacionais dos ambientes de vida mais imediatos, num diálogo capaz de gerar leituras mais justas da realidade e de criar redes de convivência comunitária. Neste sentido, este número 36 da nossa revista apresenta propostas concretas, tanto na secção dedicada aos Movimentos Sociais como através dos estudos e experiências que compõem. E isto porque estamos convencidos de que não é o tijolo, mas uma ação social e educativa dialógica que parte da dignidade de cada pessoa humana e que funciona dentro das comunidades humanas tecendo redes de convívio.

Mario Viché González

Julio de 2022